

## **“Obelisco da Capixaba”: Quando o Monumento Perde Lugar para o Crescimento da Cidade.**

“Capixaba ave. Obelisk”: When the Monument loses its place for the city's growth.

Christine Ribeiro Miranda<sup>1</sup>

Resumo: As intensas transformações sofridas pelas cidades, entre elas a formação de grandes conglomerados urbanos e o constante crescimento do número de veículos nas ruas, termina por ocasionar na grande maioria das vezes interferências na paisagem, determinando a reconfiguração dos espaços urbanos e do tipo de envolvimento que a população mantém com os mesmos. Assim, os monumentos históricos, marcos inegáveis da história dessas cidades, muitas vezes são relegados à condição de obsoletos, *démodés* ou mesmo inadequados. Essa mudança de atitude pode ser sentida ao se observar o “Monumento em Homenagem a Vasco Fernandes Coutinho”.

Palavras-chave: Cidade; paisagem; monumento; história.

*Abstract: The strong transformations suffered by the cities, like the building of great urban conglomerates and the constant increase in number of cars on the streets, causes more often than not interferences in the landscape, causing the reconfiguration of the urban spaces and the way the population is involved with them. So, the historical monuments, undeniable milestones of the cities' history, often become obsolete, old-fashioned or even inappropriate. This change of heart can be noticed when one observes the “Monument in honor of Vasco Fernandes Coutinho”.*

Key-words: City; landscape; monument; history.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação de Artes – PPGA – UFES – Mestrado em Artes – Estudos em História e Crítica de Arte.

O passante mais atento, ao se aproximar da praça dos namorados, entre os Bairros da Praia do Canto e Enseada do Suá, poderá observar um monumento localizado numa espécie de meia rotatória, situada próximo à lanchonete McDonald's e à entrada da Ilha do Frade. Datado de 1935, trata-se de um obelisco<sup>2</sup> encomendado por iniciativa e oferta da Família Oliveira Santos e da Colônia Portuguesa<sup>3</sup> em homenagem ao 4º (quarto) Centenário da Fundação do Espírito Santo.



Figura 01 – Obelisco da Capixaba

Fotografia

Christine Ribeiro Miranda

2012

---

<sup>2</sup> Obelisco: (do latim *obeliscus* do grego ὀβελίσκος, diminutivo de ὀβελός "espeto") é um monumento comemorativo, típico do Antigo Egito constituído de um pilar de pedra em forma quadrangular alongada e sutil, que se afunila ligeiramente em direção a sua parte mais alta, normalmente decorado com inscrições hieroglíficas gravadas nos quatro lados, terminado com uma ponta piramidal.

<sup>3</sup> ACHIAMÉ, Fernando. Histórias e curiosidades sobre a cidade de Vitória na semana do seu aniversário de 460 anos. 2011. Entrevista concedida à Patrícia Vallim, Rádio CBN Vitória.

O monumento, confeccionado em granito, é constituído de uma peça inteiriça assentada sobre 04 (quatro) esferas de metal, que por sua vez estão assentadas sobre uma base de pedra artisticamente trabalhada. Placas de bronze com cenas em alto-relevo, representativas do desembarque de Vasco Fernandes Coutinho juntamente com seus companheiros, além da efígie do donatário e algumas inscrições, completam a obra.

Em sua face principal, em alto-relevo, aparece a seguinte inscrição: “A mata virgem e o homem descobridor – 1535 – Comemorativo ao IV Centenário do povo do Espírito Santo por Vasco Fernandes Coutinho”<sup>4</sup>. Na outra face: “1935 – Homenagem prestada ao Espírito Santo pelas famílias Oliveira Santos, sendo governador do Estado o Sr. Capitão João Punaro Bley – 23 de maio de 1935”<sup>5</sup>.

Conhecido como “Monumento em Homenagem ao 1º Donatário” ou “Monumento em Homenagem a Vasco Fernandes Coutinho”, o obelisco foi inaugurado na Praça Oito de Setembro, praça tradicional da cidade de Vitória, cuja localização central e proximidade com o Porto de Vitória (local de chegadas e saídas) – a Praça se situa exatamente em frente à entrada principal do porto – faz uma alusão bastante eficaz à importância do evento: 23 de maio de 1935 foi o dia da Chegada de Dom Vasco Fernandes Coutinho à Capitania do Espírito Santo.

### **Um monumento itinerante**

A concepção que se tem de um monumento é a de uma “obra ou construção que se destina a transmitir à posteridade a memória de fato ou pessoa notável”<sup>6</sup>, ou seja, a manutenção e transmissão da memória de um acontecimento ou personagem histórico importante para aquela comunidade ou mesmo de relevância histórica nacional ou mundial para as futuras gerações. No caso do monumento ora analisado, uma tentativa de conservação da memória histórica do local, a criação do Estado do Espírito Santo.

---

<sup>4</sup>Disponível em: <<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/monumento-a-vasco-fernandes-coutinho-1-donatario-da-capitania.html>>. Acesso em: 04/03/2013.

<sup>5</sup>Ibid.

<sup>6</sup>FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A. p.1157.

Uma vez construído e instalado, o monumento além de lembrar esses acontecimentos passados, termina por tornar-se uma referência na cidade, um marco, ao qual os habitantes se referem para indicar um caminho ou mesmo para se guiarem. O monumento é então normalmente incorporado à paisagem do local. Mas, no caso do obelisco em questão, no decorrer dos anos, duas grandes mudanças ocorreram.

A primeira logo nos anos 40, quando da Construção do “Relógio da Praça Oito”<sup>7</sup>. Para dar lugar ao grande relógio que ali iria ser instalado, o obelisco foi removido para o início da Avenida Jerônimo Monteiro (na época denominada de Avenida Capixaba), passando a ser conhecido mais comumente como “O Obelisco da Capixaba”.

Com essa primeira mudança, o monumento, apesar de ter sido afetado no que tange à sua relação com o lugar e à sua característica de marco, referência para os habitantes da cidade, ainda continuou com seu significado histórico e com o “status” de monumento importante da cidade, pois ainda localizado no Centro de Vitória mantinha sua significação agregada, relativa ao lugar em que se encontrava instalado: em frente à capitania dos Portos (o que mantém uma referência ao mar, às viagens marítimas), na principal avenida da capital (por ser nessa época, e ainda hoje, praticamente impossível de se chegar ao centro de Vitória sem passar pela Avenida Jerônimo Monteiro). Descendo das curvas do Clube de Regatas Saldanha da Gama, vindo do norte em direção ao centro de Vitória, os carros passavam ao lado dele para chegar à Avenida Jerônimo Monteiro, tendo que observá-lo atentamente até mesmo para evitar qualquer colisão, dado o local em que se encontrava instalado.

Mas as mudanças não pararam por ali. Com o crescimento da cidade e do comércio, com a vinda de grandes lojas para o centro da cidade, o número de carros em trânsito pela região na qual se encontrava o obelisco aumentou consideravelmente, fazendo com que este fosse transferido mais uma vez, desta vez para o local onde hoje se encontra, no Aterro da Enseada do Suá, próximo à Praça dos Namorados. “Como já atrapalhava o trânsito, nos anos 70 ele foi deslocado para a entrada da Ilha do Frade. Mas ele já perdeu

---

<sup>7</sup>ACHIAMÉ, Fernando. Histórias e curiosidades sobre a cidade de Vitória na semana do seu aniversário de 460 anos. 2011. Entrevista concedida à Patrícia Vallim, Rádio CBN, Vitória.

muitas de suas peças" <sup>8</sup>. Hoje, em razão de sua nova localização, quando referenciado o é pelo nome de "Obelisco da Praça dos Namorados" <sup>9</sup>.

### **O Monumento perde lugar para o Crescimento da Cidade**

"Como já atrapalhava o trânsito, nos anos 70 ele foi deslocado...". Quando pensamos nessa frase dita em relação ao monumento, já se depreende e se analisa claramente as transformações imensas por que passam e passaram as cidades nos últimos anos, levando a uma quase constante reconfiguração dos espaços e, por conseguinte, da paisagem.

Essa reconfiguração ocorre tanto no meio rural quanto no urbano. Na área rural, grandes áreas de lavoura ou até mesmo pequenas cidades são transformadas por devastações, construções de grandes represas e barragens ou mesmo a utilização de grandes áreas para o turismo de aventuras ou coisas do gênero. No meio urbano são grandes construções e aglomerados que surgem muitas vezes sem um mínimo de planejamento. A cidade parece sofrer com suas ruas escuras e apertadas, becos oprimidos e opressores entre casebres e pessoas que ali habitam. Todas essas intervenções transformam a estrutura física da cidade e da paisagem urbana, alteram a fisionomia da cidade e conseqüentemente o comportamento dos cidadãos, terminando por modificar de forma contundente a relação do homem com o meio, com o lugar em que habita.

Um dos elementos apontados como causador da transferência do obelisco para a Enseada do Suá, o trânsito, conforme visto anteriormente, costuma ser um dos maiores fatores motivadores dessas reconfigurações. O aumento do número de veículos e a necessidade de adequação do transporte urbano, com construção de pontes, grandes viadutos, alargamento e asfaltamento de ruas e avenidas muda completamente o cenário com o qual as pessoas do lugar se acostumaram a conviver.

Nas grandes cidades muitos apartamentos têm suas janelas abertas praticamente debruçadas em cima dessas grandes construções viárias. Exemplo desse tipo de

---

<sup>8</sup>ACHIAMÉ, Fernando. Histórias e curiosidades sobre a cidade de Vitória na semana do seu aniversário de 460 anos. 2011. Entrevista concedida à Patrícia Vallim, Rádio CBN Vitória.

<sup>9</sup>Título de matéria postada na Internet, na qual mostrava a Carta de Doação da Família Oliveira Santos encaminhada ao Governador do Estado - Publicado em 27/11/2012.

superestrutura e do nível de modificação que causa na paisagem é o Elevado Presidente Costa e Silva na capital do Estado de São Paulo. O "Minhocão", como é popularmente conhecido, é considerado pela população como uma obra de engenharia bruta e não um projeto arquitetônico, tal o impacto que causou na paisagem urbana da cidade de São Paulo. Inaugurado em 1970, com o tamanho total de 3,4 quilômetros, o elevado passa a cinco metros dos prédios de apartamentos. "Sendo chamado de 'cenário com arquitetura cruel' e 'uma aberração arquitetônica', ainda hoje não é bem visto pela população da região, devido à desvalorização de seus imóveis e à deterioração do local"<sup>10</sup>.

Segundo Maderuelo (2001), a valorização da malha viária nas grandes cidades tornou-se tão grande que algumas cidades chegam a tornar-se famosas por serem dotadas de construções que permitem uma maior visibilidade e rapidez no tráfego dos veículos e não pela monumentalidade de seus edifícios ou monumentos históricos.

Um grande problema que se levanta é o perigo de ficar esquecida a história desses lugares ou mesmo dessas cidades. A mudança da paisagem em função do trânsito e de outros fatores da modernidade, entre os quais também podemos citar os grandes painéis publicitários, é o que, em decorrência das similaridades existentes entre eles em qualquer lugar do mundo, vai convertendo paulatinamente a cidade em um não lugar – "*que va convertiendo paulatinamente a la ciudad em um no-lugar*"<sup>11</sup>.

Cabe aqui lembrar o que seria um não lugar. Segundo Marc Augé (2012) os não lugares seriam aqueles que se opõem a uma noção sociológica de lugar, de uma cultura localizada no tempo e no espaço.

Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup>Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Elevado\\_Presidente\\_Costa\\_e\\_Silva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Elevado_Presidente_Costa_e_Silva)>. Acesso em: 08/03/2013.

<sup>11</sup>MADERUELO, Javier (Ed.). Arte público: naturaliza y ciudad. Tegui: Fundacion César Manrique, 2001.p.30.

<sup>12</sup>AUGÉ, Marc. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.p.36.

No mundo contemporâneo a transitoriedade das pessoas, a efemeridade das ações, a globalização, e outros fatores determinantes para uma sociedade que está *on-line*, e *in-time*, favorecem a cada dia o aparecimento de novos não lugares. “Se um lugar não pode se definir como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar”<sup>13</sup>. Esses lugares de passagem não permitem uma maior identidade com os mesmos, pois só se está neles enquanto há um deslocamento do seu verdadeiro lugar – um tempo para viajar, para fazer compras, para comer num local diferente.

### **A identidade e a relação afetiva com o lugar**

Além da identidade que se estabelece entre o habitante e o lugar existe um desejo e talvez mesmo uma necessidade de prazer em relação à paisagem, à cidade. Kevin Lynch (2011) em “A Imagem da Cidade” ao abordar a fisionomia das cidades, se interessando pelo fato dessa fisionomia ter ou não importância e da possibilidade de modificá-la, nos diz: “entre seus inúmeros papéis a paisagem urbana também é algo a ser visto e lembrado, um conjunto de elementos do qual esperamos que nos dê prazer”<sup>14</sup>. Ainda segundo Lynch, “olhar para as cidades pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama”<sup>15</sup>.

No decorrer dos anos, nessa relação entre o homem e o lugar, não é só uma questão de identidade com o lugar que permanece; percebe-se também o estabelecimento de uma relação afetiva entre eles. Essa relação é denominada de topofilia, termo criado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (1980), que discute e procura compreender como se estabelece essa relação afetiva entre o homem e o lugar, esse sentimento de apego ao ambiente natural ou construído, e até mesmo de como “certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos”<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup>Ibid., p.73.

<sup>14</sup>LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. Prefácio.

<sup>15</sup> Ibid., p.01.

<sup>16</sup> TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL,1980. p.129.

Sabe-se que ao longo da história existiram (e alguns ainda resistem) lugares modelados como obras de arte, voltados para o deleite de seus habitantes, como lembra Maderuelo (2001), os grandes jardins ingleses do século XVII, ou até mesmo obras de artes colocadas em praças tais como bustos e esculturas de grandes vultos ou grandes acontecimentos históricos.

Hoje, apesar do aumento dos não lugares e das reconfigurações das paisagens, o homem entende a fragilidade do mundo, da escassez dos recursos naturais e da fragilidade das relações e assim parte em busca de novas concepções arquitetônicas e formas de expressão artística, principalmente a partir da década de 70, com a *Land art*, o conceito de *Site-specific*, e enfim, com o aumento considerável de manifestações artísticas da crescente arte pública.

O homem procura novos meios de se relacionar com o lugar em que vive e através desse envolvimento e troca constantes acaba por transformar nossa sensibilidade carregando de novos significados os espaços da cidade.

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas<sup>17</sup>.

Evidenciados os problemas das cidades na contemporaneidade, há um chamamento para a resolução destes e por melhorias do local em que se vive. Começa-se a pensar no entorno, nas modificações que determinado empreendimento poderá incorrer na paisagem, na conservação da história do local. A conservação de traços marcantes da paisagem ou mesmo de construções com significado para a população local também são aspectos que já começaram a ser trabalhados pelas entidades governamentais. Algumas construções são projetadas buscando uma satisfação visual, outras são resguardadas para poder contar a história do lugar.

Como exemplo dessa mudança de pensamento que se opera nas grandes cidades, no *site* da revista *Veja São Paulo* foi feito um “chamamento” para se fotografar certos aspectos

---

<sup>17</sup>LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p.01.



da arquitetura nas grandes cidades: "Construções históricas: o passado que resiste". O título da matéria, se referindo ao passado que resiste, coaduna com o pensamento de que o homem não é sozinho, não é separado da cidade, todas as experiências são acumuladas em sua vida fazendo parte de sua história que termina por ser também a história dessa cidade.

Tuan (1980) observa que as maneiras como as pessoas percebem e avaliam a superfície da terra, são as mais variadas. "Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente"<sup>18</sup>. Sendo assim, primeiro percebe-se o espaço da cidade para depois conceber-se a obra.

No caso do "Obelisco da Capixaba" ou "Obelisco da Praça dos Namorados" quando de sua instalação no ano de 1935, acredita-se que em sua concepção levou-se em consideração o espaço da cidade. Conforme dito anteriormente, sua localização privilegiada, no centro da cidade, lhe agregava um valor de monumento importante para a vida da cidade, além disso, o grande número de passantes lhe permitia desempenhar bem o seu papel, o de invocar o fato histórico que lhe cabia invocar, no caso a Chegada do Donatário Vasco Fernandes Coutinho ao Espírito Santo.

Quando de sua primeira mudança, para a Avenida Jerônimo Monteiro, apesar de ter sido retirado do local para o qual havia sido idealizado, o monumento manteve uma boa localização ainda no centro da cidade, mantendo seu valor agregado. Cabe lembrar que a Praça Oito de Setembro, primeiro endereço do obelisco, fica localizada a aproximadamente 500 metros do seu segundo endereço, na mesma Avenida Jerônimo Monteiro, ou como era comumente conhecida "Avenida Capixaba". Vê-se, portanto que até o próprio "apelido" dado ao monumento, "Obelisco da Capixaba", pôde ser mantido. Por aproximadamente 30 anos, o obelisco ficou nesse endereço, tempo suficiente para ser incorporado à paisagem local e permitir que fosse criada uma identidade com a população da região e, por conseguinte, um vínculo afetivo. No endereço anterior, o tempo de permanência foi bem menor, e, portanto, menor o vínculo afetivo.

---

<sup>18</sup>TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980. p.06.

Ao ser removido para o endereço na Enseada do Suá, todo esse vínculo que já havia sido criado foi cortado. Para as pessoas da região, apesar da melhoria que proporcionou ao trânsito no centro da cidade, é provável que a remoção abrupta do obelisco da Avenida Jerônimo Monteiro tenha deixado uma lacuna. Algo de importante fora retirado dali.

O monumento, por trazer em si um valor histórico a ser lembrado, ele mesmo acaba por agregar um valor ao local onde está instalado. Com sua retirada, o lugar perde esse valor. É como se algo de muito importante houvesse sido subtraído do lugar, no caso do Centro da Cidade de Vitória, trazendo um enorme sentimento de perda, sentimento esse ainda maior se pensarmos que aproximadamente nessa mesma época, o centro começava a se desvalorizar. Os imóveis caíam de preço. Os grandes escritórios e as famílias mais abastadas começavam a migrar exatamente para a região da Praia do Canto, coincidentemente, o novo endereço do obelisco.

O obelisco foi levado para uma região nobre da cidade, entre a Praia do Canto, a Enseada do Suá, próximo à entrada da Ilha do Frade. Se verificarmos somente o endereço, podemos dizer que sua localização é privilegiada, mas e quanto à identidade com o local? E quanto à afetividade entre as pessoas e o monumento, a obra?

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar <sup>19</sup>.

E ainda quanto ao valor histórico agregado? No local em que hoje se encontra, há uma dificuldade de acesso em meio ao grande fluxo de veículos e dificilmente se nota suas inscrições de dentro dos veículos para saber-se a que fato histórico alude. Sendo assim, o monumento praticamente perde sua função.

O “Obelisco da Capixaba” hoje chamado de “Obelisco da Praça dos Namorados” parece sentir falta da convivência dos habitantes do centro da cidade, pois “o lugar se completa

---

<sup>19</sup>CHOAY, 2001 apud CIRILLO,J; ELANTE,C. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS,18., 2009, Salvador. [Trabalhos apresentados]. p.1463

pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores”<sup>20</sup>. Na falta de identidade do monumento com o lugar, sente-se como se ele estivesse de passagem por ali, em um não lugar, à espera de sua volta ao lugar de origem, pois “a volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não lugares”<sup>21</sup>.

### Referências

ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AUGÉ, Marc. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CIRILLO, J; CELANTE, C. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS,18.,2009, Salvador. [Trabalhos apresentados].

Elevado Presidente Costa e Silva. Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Elevado\\_Presidente\\_Costa\\_e\\_Silva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Elevado_Presidente_Costa_e_Silva)>. Acesso em 08 março 2013.

Historiador revela curiosidades sobre a cidade de Vitória em seus 460 anos. Disponível em:

<[http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2011/09/noticias/cbn\\_vitoria/reportagem/955151-historias-e-curiosidades-sobre-a-cidade-de-vitoria-na-semana-do-seu-aniversario-de-460-anos.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/09/noticias/cbn_vitoria/reportagem/955151-historias-e-curiosidades-sobre-a-cidade-de-vitoria-na-semana-do-seu-aniversario-de-460-anos.html)>. Acesso em 04 março 2013.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MADERUELO, Javier (Ed.). Arte público: naturaliza y ciudad. Tegui: Fundacion César Manrique, 2001.

Missão da semana. Disponível em:<<http://vejasp.abril.com.br/blogs/voce-e-o-reporter/instagram-missao-da-semana-33/>>. Acesso em 01 março 2013.

---

<sup>20</sup> AUGÉ, Marc. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.p.73.

<sup>21</sup>Ibid., p.98.

Monumento a Vasco Fernandes Coutinho (1º Donatário da Capitania). Disponível em:<<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/monumento-a-vasco-fernandes-coutinho-1-donatario-da-capitania.html>>. Acesso em 04 março 2013.

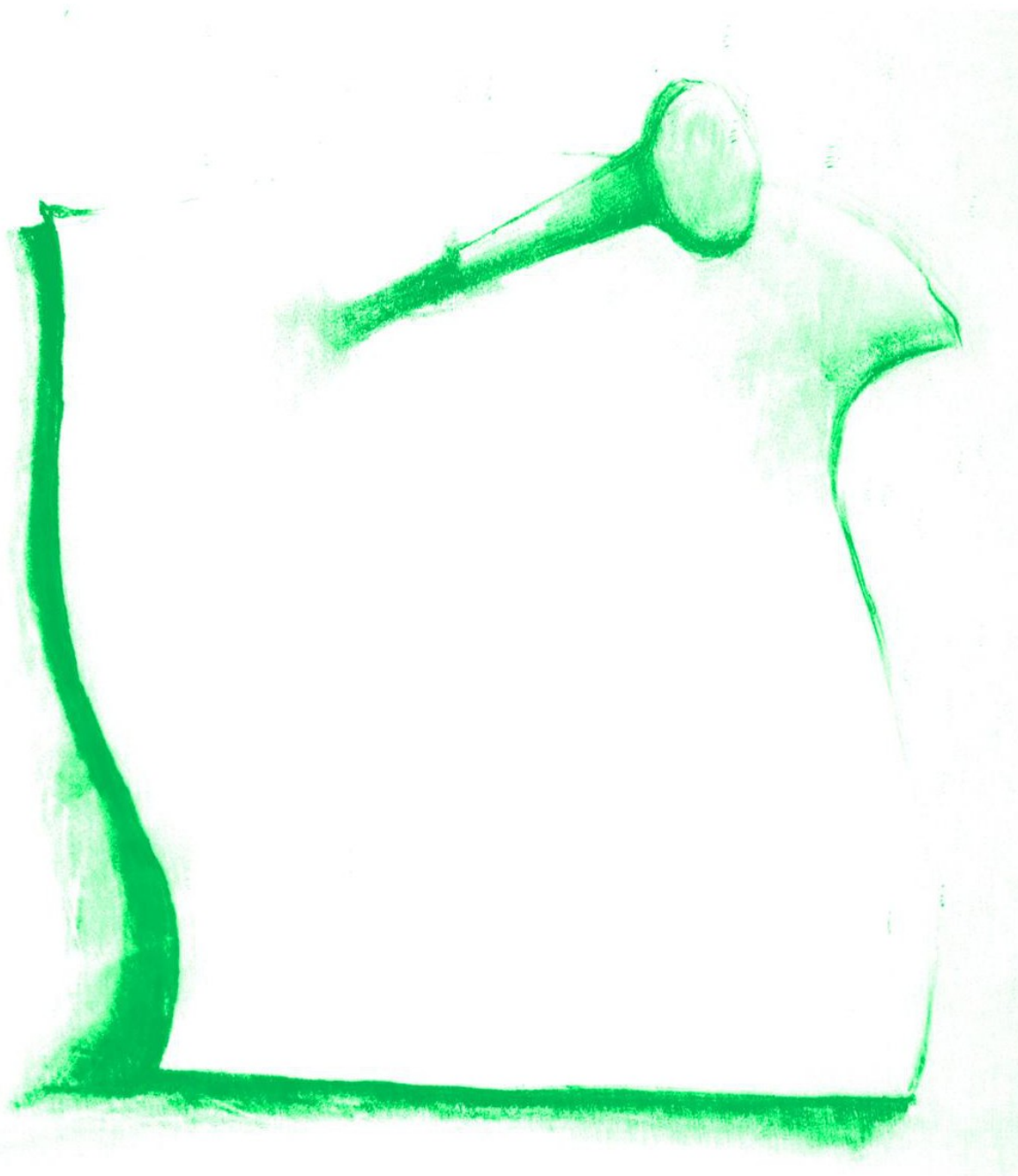
Obelisco da Praça dos Namorados. Disponível em: <<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/obelisco-da-praca-dos-namorados.html>>. Acesso em 04 março 2013.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL,1980.

# Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES

Vitória, v.3, n.6,  
ano 4, junho de 2014.

---



## **Universidade Federal do Espírito Santo**

### **Reitor**

Reinaldo Centoducatte

### **Vice-reitora**

Ethel Leonor Noia Maciel

## **Centro de Artes**

### **Diretor**

Paulo Sérgio de Paula Vargas

### **Vice-diretor**

Fábio Goveia Gomes

## **Programa de Pós-Graduação em Artes**

### **Coordenação**

Prof.ª Dr.ª Angela Maria Grandó Bezerra

## **Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa**

### **Editores**

Prof.ª Dr.ª Angela Maria Grandó Bezerra, PPGA-UFES

Prof. Dr. Aparecido José Cirillo, PPGA-UFES

Ms. Arlette Passamani Frauches, PPGA-UFES

Ms. Diego Kern Lopes, PPGARTES-UERJ

Ms. Fuviane Galdino Moreira, PPGA-UFES

Ms. Iris Maria Negrini Ferreira, PPGA-UFES

Janayna Araujo Costa Pinheiro, PPGA-UFES

Ms Jorge Luiz Mies, PPGA-UFES

Ms. Melina Almada Sarnaglia, PPGARTES-UERJ

Ms. Rosa da Penha Ferreira da Costa, PPGA-UFES

Rodrigo Hipólito, PPGA-UFES

Sabrina Vieira Littig, PPGA-UFES

## **Conselho editorial**

Porf.ª Dr.ª Aissa Afonso Guimarães, PPGA-UFES

Prof. Dr. Alexandre Emerick Neves, PPGA-UFES

Prof.ª Dr.ª Almerinda da Silva Lopes, PPGA-UFES

Prof.ª Dr.ª Angela Maria Grandó Bezerra, PPGA-UFES

Prof. Dr. Aparecido José Cirillo, PPGA-UFES

Prof.ª Dr.ª Clara Luiza Miranda, PPGA-UFES

Prof. Dr. Erly Milton Vieira Junior, PPGA/PPGCOS-UFES

Prof. Dr. Fabio Luiz Malini, PPGA-UFES

Prof.ª Dr.ª Gisele Barbosa Ribeiro, PPGA-UFES

Prof. Dr. Nelson Pôrto Ribeiro, PPGA/PPGAU-UFES

Prof. Dr. Ricardo da Costa, PPGA-UFES

Prof. Dr. Ricardo Maurício Gonzaga, PPGA-UFES

## **Projeto Gráfico 3º Colartes**

Juliana Colli Tonini

## **Projeto Gráfico e Diagramação**

Rodrigo Hipólito

## **Editoração V.4**

Aissa Afonso Guimarães

Alexandre Emerick Neves

Almerinda da Silva Lopes

Angela Maria Grandó Bezerra

Aparecido José Cirillo

Janayna Araújo Costa Pinheiro

Rodrigo Hipólito

## **Capa**

Rodrigo Hipólito

---

Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES – ano 1, vol. 1, n. 1 (dez. 2011). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2011- .

Ano 4, vol. 3, n. 6, (Junho. 2014).

Semestral, com publicações nos meses junho e dezembro.

1. Artes visuais – Periódicos. I. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes.

